

HIBRIDAÇÕES COMO CONTRAPROPOSTAS EM AÇÕES SOCIOCULTURAIS

Apresentação Oral

Nº de inscrição _____

Este relato pretende expor uma dentre tantas visões de um trabalho colaborativo desenvolvido em uma das disciplinas cursadas pela autora-propositora. A ação utilizou o bordado como linguagem e interferências acústicas como estímulos da produção artística, tendo em vista a inibição da visão dos participantes durante a ação, com o propósito de estimular diferentes níveis perceptivos como contraproposta em ações educativas e interativas em museus.

PERCEPÇÃO MOTIVADORA: PROPOSIÇÃO

Conforme as apresentações dos projetos híbridos de cada estudante-pesquisador no princípio da disciplina em questão deu-se início a um processo de hibridação interformativa¹ de duas poéticas no presente contexto. A primeira estruturada pela linguagem do bordado junto a estímulos musicais; a segunda, desenvolvida por diferentes linguagens através do diálogo e contato com sonoridades diversas.

Dos questionamentos sugeridos acerca da relação perceptiva no processo de criação, é possível estabelecer um diálogo com Valente, trazendo parte dos conceitos que nortearam tanto a prática artística quanto a reflexão realizada, pois “essa operação ocorre na medida em que os recursos dos meios empregados envolvam efetivamente mais de um dos sentidos humanos – visão, audição, tato, etc – articulando-os conjuntamente na mesma obra²”. Este conceito mostra-se presente no processo à medida que tal intersensorialidade ocorre na criação, levando-se em consideração principalmente, o tato e a audição.

DISCUSSÃO DOS MÉTODOS

A proposta de trabalho se estabelece em um processo de hibridação de fazeres artísticos. Compreendemos aqui o termo hibridação “como procedimentos poéticos (...) como técnica de descoberta criativa”³. Assim, embasada pelo conceito de hibridação interformativa, em que as poéticas dos propositores se fundem na criação do trabalho, abarca ainda a poética de cada indivíduo que venha a participar, reafirmando assim o pensamento de que todo sujeito é um artista, estabelecendo cada participante como um espect-autor:

Nesse processo, o espect-autor e o espect-ator quase se confundem. A diferença entre eles é sutil, mas fundamental: basicamente o que os distingue é o caráter de sujeito da enunciação do espect-autor em contraponto à gestualidade do espect-ator.⁴

Os critérios de seleção dos materiais seguiram a proposta de despertar diferentes sensações, de forma que o participante fosse estimulado e desafiado em seu oferecimento. Levando em consideração a inibição da visão, foi escolhida uma tela de juta no tamanho 90x60cm por seu caráter rústico e de tramas mais abertas, possibilitando o uso de uma agulha grossa para que não houvesse ferimentos e também para maior liberdade de movimentos no

¹ Conceito apresentado por Agnus Valente em *Útero portanto cosmos*, 2008.

² Agnus Valente, *Útero .: Cosmos*, 2008, p. 28.

³ Idem, 2008, p. 26.

⁴ Germano Valente, [Autor]retrato Coletivo, uma Poética da Autoria Aberta. 2012 , p. 83.

ato. Os fios escolhidos foram: lãs de diversas propriedades, barbantes, nylon, linha de bordado, linha de crochê, linha de malha, sisal e até mesmo arames, todos com o propósito de explorar texturas e incitar desafios, estabelecendo relações perceptivas com as sonoridades nos participantes.

É possível afirmar que os estímulos auditivos utilizados no processo possuem duas espécies: os advindos das referências pessoais da autora-propositora e os que se encontravam no ambiente, sejam eles produzidos por ruídos ou advindos de qualquer outro tipo de manifestação, como por exemplo, conversas de alunos no corredor de circulação, dentre outras, em que nem sempre se apresentavam tão harmoniosas, possibilitando o enriquecimento do processo e de sua execução.

A EXECUÇÃO DO TRABALHO

A proposta era a de que os dez alunos (incluindo a autora-propositora) e professor da disciplina participassem de maneira semelhante, ou seja, na ausência da visão seguir as percepções táteis e auditivas. No entanto, sabemos que se tratando de produções artísticas e com variedade de participantes o acaso torna-se um elemento formador, pois “(...) nos inter-relacionamentos, surgem qualidades novas”⁵, qualidades que despertaram conceitos enriquecedores para a desconstrução da linearidade, já que “o exercício dos diferentes relacionamentos não pode ser programado”⁶.

Além de o último participante ser único em sua participação enquanto vidente daquilo que produzia, podemos enumerar outras participações resultantes do acaso e da espontaneidade do processo, no que podemos chamar de participantes-únicos. A primeira que podemos destacar é a condição da autora-propositora quanto a familiaridade com a linguagem do bordado, que pôde escolher os fios não só com sua percepção tátil, mas também aliada à memória, uma vez que possuía o conhecimento de todos os materiais escolhidos. Portanto podemos considerar que esta lógica de produção ainda era visual, mesmo que influenciada sonoramente. Esta mesma lógica visual pôde ser notada quando outro participante atuou sem as vendas, foi possível observar que se tornava “surdo” devido a sua concentração do ponto que cosia. Outro detalhe importante de sua atuação foi a escolha da cor, quando vendados os participantes criavam expectativas da cor e da textura do material escolhido, e quando houve a liberdade visual, apropriou-se do vermelho, julgando ser um elemento ressaltante das cores usadas pelos demais, desconsiderando em primeiro lugar a sensação tátil. Podemos assim, considerar que o trabalho coletivo em sua totalidade constitui na diluição da individualidade do sujeito desconsiderando o processo como objeto artístico, o que não vem ao caso.

Ainda podemos citar a interferência causada pela falha de equipamentos que em determinados momentos, participantes não puderam atuar com o áudio programado, dando oportunidade ao som ambiente, o que ocasionou em uma ação mais intimista, conforme relatos, a escolha das linhas já não seguia os estímulos sonoros, mas suas próprias percepções do material que se Tateava, incluindo o bordado dos participantes anteriores, tornando sua ação ainda mais arraigada na construção do coletivo.

A plasticidade artística se caracterizou em consonância com os conceitos de Nicolas Bourriaud a respeito de suas denominações de arte relacional, sendo que o processo, à medida que desloca o espectador para o eixo de criação coletiva do trabalho enfatiza não somente o objeto de arte, mas todo o processo. A forma final obtida pode nos remeter a um objeto artístico tradicional, porém é preciso destacar o processo de criação também como arte, onde os propositores “convocam” aqueles até então chamados de espectadores para conviver, elaborar, experienciar em conjunto o fazer artístico.

⁵ Fayga Ostrower, *Criatividade e processos de criação*, 2012, p.95.

⁶ Idem, 2012, p. 77.

REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GERMANO, Nardo. **[Autor]retrato Coletivo, uma Poética da Autoria Aberta**: Poética da Autoração, Poéticas em Coletividade e uma Taxonomia para a Espect-Autoria – agenciamento autoral dos espectadores nas artes participativas e interativas. 2012. 230 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, São Paulo, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHAFER, R. Murray. **Ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1991.

UNIÃO BRASILEIRO-ISRAELITA DO BEM-ESTAR SOCIAL – UNIBES. **The sound of colours**, um concerto com arte. São Paulo: UNIBES, 2014.

VALENTE, Agnus. Útero ∴ Cosmos. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP, São Paulo, 2008